



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

DANIELA SANTANA DE OLIVEIRA

**CONCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES A RESPEITO DA UTILIZAÇÃO DO
LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

CAMPINA GRANDE-PB
JUNHO, 2015

DANIELA SANTANA DE OLIVEIRA

**CONCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES A RESPEITO DA UTILIZAÇÃO DO
LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Dr^a Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE-PB
JUNHO, 2015**

O48c Oliveira, Daniela Santana de.
Concepção de alunos e professores a respeito da utilização do
livro didático nas aulas de geografia [manuscrito] / Daniela
Santana de Oliveira. - 2015.
43 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo,
Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia 2. Livro didático 3. Ensino
aprendizagem. 4. Prática pedagógica. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

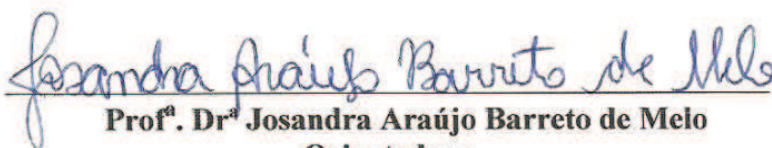
DANIELA SANTANA DE OLIVEIRA

**CONCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES A RESPEITO DA UTILIZAÇÃO DO
LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

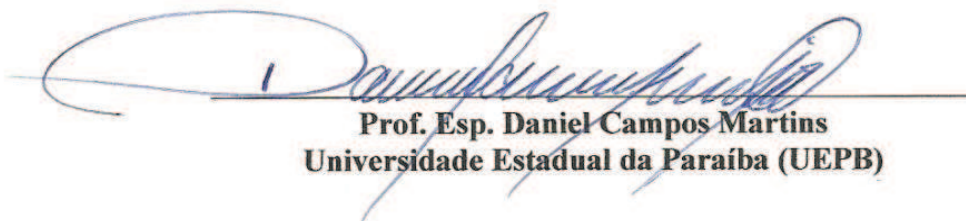
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

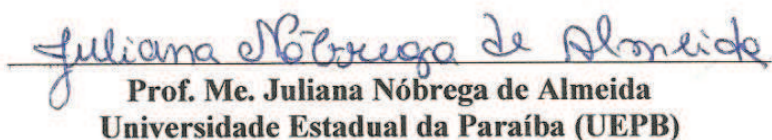
Aprovada em 02 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Josandra Araújo Barreto de Melo

Orientadora


Prof. Esp. Daniel Campos Martins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Juliana Nóbrega de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Graças dou ao meu grandioso Deus, poderoso e fiel, que concedeu todas as minhas conquistas.

Dedico a todos que compartilharam deste sonho, incentivando e apoiando para que pudesse se tornar realidade. Em especial, a minha preciosa mãe Maria do Socorro, o alicerce da minha vida, como também aos meus avôs Josefa e Antônio, minha irmã Gabriela, Tia Gracinha, e toda família Santana Irineu, minha fortaleza, pessoas especiais que, de alguma forma, colaboraram nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pai fiel, que rege minha vida e concedeu essa conquista.

A minha família em geral, em especial aos meus pais, *José Alves (in memorian)* e *Maria do Socorro*, meus avós e minha irmã *Gabriela Santana* por todo amor, apoio e incentivo.

Ao meu namorado *Ewerton Cássio*, pessoa iluminada, obrigada pelo amor, amizade e compreensão.

A Professora *Josandra Araújo Barreto de Melo*, que tanto me ensinou, grata sou por sua amizade e contribuições para a realização desta pesquisa.

Aos Professores *Daniel Campos Martins* e *Juliana Nóbrega de Almeida* por aceitar o convite de participar de banca, dedicando seu tempo à leitura de meu Trabalho contribuindo, assim, para o aperfeiçoamento da pesquisa.

A todos os professores que contribuíram com a minha escolaridade, desde o ensino fundamental à graduação.

Aos meus colegas de curso pela amizade e convivência.

Enfim, a todos que, de alguma maneira, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho, o meu mais profundo agradecimento.

CONCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES A RESPEITO DA UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Daniela Santana de Oliveira¹

RESUMO

O Livro Didático de Geografia é um instrumento presente na realidade das escolas brasileiras, e uma das principais ferramentas utilizadas pela maioria dos professores em suas aulas. Sua utilização tornou-se bastante predominante no cotidiano escolar, fator que, em meio a rotina, torna a disciplina de Geografia cansativa e desinteressante, pois o ensino-aprendizagem requer interesse por parte dos envolvidos e a dinamização das aulas é importante nesse processo. Mediante as questões que envolvem a utilização do livro didático nas escolas, sobretudo públicas, brasileiras, percebe-se a necessidade de reflexão, pois é um recurso importante, acessível nas escolas públicas, pois auxilia o professor e, muitas vezes é a única referência de leitura para os alunos em sala de aula. Neste contexto, o presente trabalho mostra as práticas metodológicas que fazem uso do livro didático nas aulas de Geografia de turmas do 1ª A e C do Ensino Médio Inovador na E.E.E.M.I. Severino Cabral pelo Subprojeto Geografia integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, implementado por meio da Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Campina Grande, PB, assim como analisar as concepções de alunos e professores a respeito da utilização de tal recurso, na perspectiva de obter melhorias no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em Geografia e, por fim, no âmbito das ações do PIBID, objetivou-se elaborar práticas pedagógicas em que o livro tivesse lugar importante. A pesquisa está assentada no método fenomenológico e as técnicas constaram de pesquisa-ação a partir da observação das práticas que utilizaram o livro didático em sala de aula, aplicação de questionários com professores e alunos da escola. A partir dos instrumentos de pesquisa, nota-se que o aluno reconhece o livro como instrumento importante, que contribui para visualizar ilustrações e realizar pesquisas, do outro lado, os professores afirmaram que adotam como um material de apoio. Na atuação em turmas do PIBID levaram-se em consideração esses dados e realizou-se metodologias em que o livro didático esteve presente como objeto de auxílio, atrelado a outros recursos metodológicos, como apresentação dos cartazes, dinâmica do Café Geográfico, utilização do programa P3D, apresentação dos gráficos e tabelas entre outros que enriqueceram o trabalho docente e fizeram da sala de aula um ambiente melhor para o desenvolvimento do aprendizado. Diante desses fatos, nota-se que o docente possui poder mediador para selecionar a melhor forma de aproveitamento desse recurso.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Livro Didático, Aprendizagem de Geografia, PIBID.

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - Campus I
E-mail: danielasantana.1@hotmail.com.

ABSTRACT

STUDENTS' AND TEACHERS' CONCEPTIONS REGARDING THE USE OF THE TEXTBOOK IN GEOGRAPHY LESSONS

Daniela Santana de Oliveira²

ABSTRACT

The Textbook of Geography is a gift instrument in the reality of Brazilian schools, and one of the main tools used by most teachers in their classes. Its use has become quite prevalent in everyday school life, a factor that, amid the routine makes the discipline of Geography tiresome and uninteresting, for the teaching-learning requires interest on the part of those involved and the dynamics of the classes is important in this process. In Brazilian public schools, the textbook is an important available resource, which helps the teacher and often is the only reference of reading for students in the classroom. Thus, with the present study, we see and thematize the need for reflection about its use within this context and we aim to characterize the methodological practices that use the textbook in Geography lessons of the 1st year, classes A and C, of Innovative High School in EEEMI Severino Cabral by PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) - Subproject Geography, implemented through the State University of Paraíba, Campus Campina Grande, PB. Furthermore, we intend to analyze the conceptions of students and teachers about the use of such resource to get improvements in the development of the teaching and learning process and within PIBID actions, elaborating pedagogical practices in which the book had importance. In order to carry out this research, we used the phenomenological method and the techniques of action research translated into the observation of practices that used the textbook in class and questionnaires answered by teachers and students of the mentioned school. By analyzing the research instruments, it was found that the textbook is still widely used in the traditional way. On the one hand, the students acknowledge the book as an important instrument that helps to view illustrations and to conduct research. On the other hand, teachers consider its adoption as a support material. In PIBID's acting, the teachers took into account the revealed data and, as a result, they prepared pedagogical practices in which the textbook was present as one of the support materials, linked to other methodological resources that enriched the teaching action and made the classroom a better environment for the development of learning. Given the stated, we conclude that the teacher works as a mediator whose chore is to select the best way to use this tool.

Keywords: Geography Teaching, Textbook, Geography learning, PIBID.

² Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - Campus I
E-mail: danielasantana.1@hotmail.com.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Localização das Escolas no Município de Campina Grande no estado da Paraíba.....	23
Figura 02 - E.E.E.M.I. Severino Cabral.....	24
Figura 03 - E.E.E.F.M. Assis Chateaubriand.....	24
Figura 04 - E.E.E.F.M. José Hermínio Bezerra Cabral - São Sebastião.....	25
Figura 05 - Apresentação dos Cartazes.....	34
Figura 06 - Dinâmica do Café Geográfico.....	35
Figura 07 - Café Geográfico.....	35
Figura 08 - Programa P3D.....	36
Figura 09- Apresentação dos gráficos e tabelas.....	37

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Localização da E.E.E.M.I. Severino Cabral.....	22
Mapa 02 – Localização da E.E.E.F.M. Assis Chateaubriand.....	22
Mapa 03 - E.E.E.F.M. José Hermínio Bezerra Cabral - São Sebastião.....	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1 As tendências do Pensamento Geográfico.....	12
2.2 O Ensino de Geografia no Brasil.....	15
2.3 A implantação do Livro Didático.....	17
2.4 A Utilização do Livro Didático de Geografia em Sala de Aula.....	19
3 METODOOGIA	
3.1 Contextualização da Pesquisa.....	21
3.2 Métodos.....	25
3.3 Técnicas.....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE.....	42

1. INTRODUÇÃO

A Escola consiste num lugar que pode proporcionar ao indivíduo construir aprendizagens sociais, culturais e intelectuais e na prática da cidadania. A sala de aula é um espaço onde o aluno vivencia o cotidiano escolar, tendo o professor como um mediador no processo de construção do conhecimento e o saber, sendo este profissional importante para efetivar o processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, a escola se faz presente na vida das pessoas por muitos anos, rotina que, em alguns casos, a torna cansativa. Logo, nota-se a necessidade de os profissionais da educação exercerem diferenciadas práticas metodológicas em suas aulas, com uma mescla de recursos, a fim de diversificar o cotidiano na sala de aula, pois o ensino e aprendizagem requer interesse por parte dos envolvidos e a dinamização das aulas é importante neste processo e o livro didático é um instrumento presente nessa realidade.

Afirma Freitag (1987) que desde década de 1930 se iniciaram políticas de implantação do livro nas escolas e atualmente vem sendo distribuído de modo gratuito pelo Governo Federal Brasileiro, através do Plano Nacional do Livro Didático. Esse material possui textos explicativos e informativos, exercícios, sugestões de aula, dentre outros diversos suportes para o trabalho docente, entretanto, na prática, sua utilização tornou-se excessiva e, em alguns casos, exclusiva na sala de aula, e essa postura proporciona consequências na qualidade da atuação docente e, principalmente, na aprendizagem dos estudantes.

Utilizado dessa forma, o livro torna-se um manual seguido fielmente, em muitos casos, pelos professores, podendo gerar uma problemática, uma vez que, na maioria das vezes, os livros estabelecem em seus conteúdos pouca relação entre as escalas geográficas, onde a relevância da realidade local é desconsiderada, o tipo de linguagem, conteúdos, estética entre outros fatores que geram distanciamento das informações contidas no livro com a realidade local, pois num contexto de uma sociedade capitalista as editoras estão mais voltadas para a comercialização do produto e não agregam tanta relevância a esses itens.

Por outro lado, o aluno possui acesso a esse material, logo, há uma necessidade de melhor aproveitamento do mesmo. Para isso, é importante compreender as especificidades de cada lugar e dos educandos. Dessa forma, o livro apresenta-se como um norteador do planejamento para o trabalho docente, pois é um suporte que contém diversas sugestões que proporcionam com que seja enxergado por profissionais da educação, pais e alunos como um material de confiança, que possui seriedade. Diante disso, esse recurso didático faz parte da

cultura escolar, sendo considerado fundamental na realidade das escolas brasileiras, uma vez que a leitura é um elemento essencial na formação escolar dos indivíduos.

Neste sentido, nota-se a necessidade de reflexão a respeito das questões que envolvem a utilização do livro didático, a fim de identificar os pontos que formam o cenário atual das práticas em sala de aula com o livro, uma vez que, segundo a mencionada autora, no âmbito teórico existem muitas propostas de ordem metodológica, mas que, na prática, ainda precisam considerar o contexto do cotidiano escolar e as grandes resistências que possui, pois novas ideias e mudanças efetivas nas práticas escolares precisam ser aceitas pelos envolvidos no âmbito educacional.

Nessa perspectiva, pretende-se visualizar melhorias que estabeleçam avanços com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, através da apropriação de alternativas diferenciando a utilização do livro didático, diante das temáticas abordadas nas aulas de Geografia.

Diversos trabalhos vêm sendo desenvolvidos analisando a importância do livro didático nas aulas de Geografia, como pode ser encontrado nas discussões de Dutra (2010) a respeito das identidades nacionais nos livros didáticos de Geografia, Kanashiro (2008), que aborda a questão do livro didático de Geografia no contexto do PNLD. Neste sentido, o presente trabalho possui o diferencial em analisar a concepção de professores e alunos a respeito da utilização do Livro Didático de Geografia, almejando compreender as melhores possibilidades de utilização desse recurso, além de caracterizar as práticas metodológicas que fazem uso do Livro Didático nas aulas de Geografia de turmas do 1ª A e C do Ensino Médio Inovador na Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, implementado através da Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Campina Grande, PB.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As tendências do Pensamento Geográfico

Para alguns autores, a Geografia adquiriu o status de ciência a partir do século XX, entretanto desde a pré-história havia conhecimentos sistematizados dessa área do conhecimento. Segundo Andrade (1992), os povos primitivos que moravam em cavernas, antes de Cristo, com as civilizações do Egito e Mesopotâmia, os gregos, romanos e árabes contribuíram para a Geografia, através dos seus conhecimentos e descobertas a respeito da

cartografia, astronomia e análise meteorológica, entre outros. Na Idade Moderna, os conhecimentos geográficos evoluíram com a expansão do espaço e novos conceitos sobre a relação entre sociedade e natureza.

A autonomia da Geografia enquanto ciência iniciou-se com os trabalhos realizados pelos alemães Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter, que analisavam os aspectos físicos com ideologias ligadas a necessidade expansionista da Alemanha. Logo, Ibidem (1992) comenta que, durante muito tempo, a Geografia foi definida como ciência que fazia a descrição da superfície da Terra, mas ao longo de sua evolução enquanto ciência, outras definições foram atribuídas.

Dessa forma, a Geografia possui correntes de pensamento onde cada uma possui sua perspectiva que refletiu nas produções geográficas, ao longo do tempo. Neste sentido, as correntes epistemológicas possuem ideias condizentes com as necessidades (principalmente de expansão territorial) dos Estados, que se apropriaram dos conhecimentos geográficos e estruturaram um modo particular ideológico.

A Alemanha foi um dos primeiros países a reconhecer a Geografia enquanto ciência. Para Moraes (1983), mediante necessidade de constituição de um Estado nacional, com seu centro organizador para as relações políticas e econômicas, o pensamento geográfico se desenvolveu nesse sentido, a fim de ser instrumento para o expansionismo territorial alemão. Dessa forma, baseado nos estudos de Friedrich Ratzel justificava-se a importância do aumento territorial, através de que as condições exerciam influência sobre os povos, onde os recursos naturais atribuiriam subsídios para o crescimento da sociedade que ali se localizava.

Para Ratzel, o território representa a condições de trabalho e existência de uma sociedade. A perda de território seria a maior prova de decadência de uma sociedade. Por outro lado, o progresso implicaria a necessidade de aumentar o território, logo, de conquistar novas áreas. Justificando estas colocações, Ratzel elabora o conceito de “espaço vital”, estes representaria uma proporção de equilíbrio, entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo assim suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais. (Ibidem 1983, p. 56)

No século XIX, a França saiu derrotada pela Prússia e perdeu alguns de seus territórios em função da guerra franco-prussiana impulsionando, assim, a queda do Segundo Império Francês e surgindo, conseqüentemente, a Terceira República Francesa. Neste período, iniciou-se o desenvolvimento da Geografia, tendo como principal idealização da escola geográfica francesa o autor Vidal de La Blache, que publicou obras que combateram o pensamento imperialista alemão. Logo, La Blache em consonância com a revolução francesa defendia a ideia de liberalismo da ação humana sobre o meio, onde o homem é um ser ativo que pode

transformar, a partir do capitalismo e das condições técnicas o meio, atribuindo possibilidade para a relação homem-natureza, criando, assim, a corrente do Possibilismo.

A Escola Francesa influenciou o pensamento da Escola Britânica que, por sua vez, possuía uma preocupação militar, tendo como um dos principais geógrafos Halford J. Mackinder. Moraes (1983) cita que Halford Mackinder possuiu uma visão imperialista e determinista, sendo importante para a Geopolítica, através dos estudos de áreas de Coração (país pivô) acreditava que as áreas mais centrais eram beneficiadas para exercer maior potencial para dominar os países. Além disso, a Geografia britânica considerava os fenômenos mais em escalas nacionais e internacionais, dando ênfase à Geografia pragmática e com estudos relacionados ao processo de urbanização e indústrias.

Outra importante Escola para o Pensamento geográfico foi a Norte-Americana, que foi estimulada pelos geógrafos Arnold Guyot e Louis Agassiz, que desenvolveram estudos de geografia regional, geomorfologia, mas o teorizador dessa escola foi Richard Hartshorne, que desenvolveu estudos sobre a epistemologia e a natureza da Geografia.

A Geografia Russa também se desenvolveu e teve influências do pensamento alemão. Em função de seus aspectos físicos, a Escola Soviética concentrou muitos estudos sobre clima e solo, a fim de ajudar o desenvolvimento da agricultura local e nos estudos referentes ao planejamento do território.

Logo, nota-se que a Geografia Clássica possuiu aspectos ambientalistas, por volta da década de cinquenta, os geógrafos começaram novos questionamentos a respeito do pensamento geográfico, buscavam-se novas linguagens, propostas com uma liberdade maior de reflexão e mudanças nas análises da relação sociedade e natureza, em consequência do desenvolvimento do capitalismo, crescimento urbano, a agricultura se modificando com as novas tecnologias, a globalização, entre outros fatores que promoveram a necessidade de mudanças para explicar esses fenômenos. Após a segunda-guerra mundial, a Geografia passou por mudanças tendo o surgimento de novas correntes de pensamento - Crítica, Teórico-Quantitativista e Humanística.

A Geografia Quantitativista caracteriza-se por explicar os fenômenos baseados em dados matemáticos e estatísticos, desconsiderando a observação. Andrade (1992) afirma que substituiu o campo pelo laboratório. Ao longo do tempo, com avanços ocorridos na sociedade - aumento populacional nas cidades, as inovações tecnológicas, dentre outros aspectos - acarretaram mudanças na dinâmica sócio-espacial, conseqüentemente, as análises feitas a partir dos cálculos matemáticos não conseguiam explicar a complexidade dos fenômenos que ocorriam. Assim, evidenciaram-se os estudos voltados para as explicações que levavam a

compreender a raiz dos problemas contemporâneos e outras pesquisas se dedicaram a compreender os fenômenos geográficos a partir da percepção.

Neste sentido, iniciou-se a corrente denominada Geografia Crítica, que teve influências do pensamento Marxista, seguindo, com ideais para transformações sociais, apontando os problemas vivenciados no sistema capitalista, considerando o espaço como parte integrante do homem e propõe uma reforma estrutural política e socioeconômica no mundo. Essa influência também atingiu as reflexões a cerca da reforma curricular da ciência geográfica, tendo o Yves Lacoste como um dos principais autores, que criticou o ensino de Geografia e a estrutura acadêmica, apontando como uma disciplina enfadonha, apresentada como um saber fragmentado, sem relação entre as escalas do local com o global.

São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando os seus saber como uma arma desse processo. São, assim, os que assumem o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem. (MORAES, 1983, p. 112).

A outra corrente de pensamento geográfico, denominada Humanista, caracterizou-se por analisar os fenômenos da Geografia através da concepção que cada indivíduo possui baseada “na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou universal” (CORRÊA; CASTRO; GOMES, 2001, P. 30).

Logo, o sentimento de pertencimento, construído nas relações com o meio, foi base para essa escola, tornando sempre relevante o conhecimento prévio que as pessoas possuem. Diante disso, a corrente da percepção também influenciou o Ensino de Geografia, uma vez que estimulou a valorização da experiência dos indivíduos, fazendo com que o discente atue na construção do saber.

2.2 O Ensino de Geografia no Brasil

No Brasil, o ensino de Geografia, no âmbito acadêmico, se institucionalizou após a Revolução de trinta com a criação da Universidade de São Paulo e Rio de Janeiro (1934). Rocha (2000) conta que a implantação dos cursos de licenciaturas objetivava formar professores para o ensino secundário, os primeiros docentes que ministraram a graduação eram em sua maioria vindos da Europa.

Houve também no mesmo período a criação do IBGE, pois havia a necessidade de ter um órgão para desenvolver o conhecimento do território brasileiro e a criação da AGB que

colaborou na prestação de serviços e no avanço da Geografia no Brasil. A Geografia brasileira sofre influências da Escola Francesa e seus atores também possuem suas análises baseadas por essa corrente de pensamento.

Rocha (2000), ainda afirma que a partir da década de 1950 ocorreu uma maior difusão dos cursos de licenciatura em Geografia, através da criação de novas instituições públicas e privadas, os primeiros autores dos livros didáticos escreviam baseados nessas ideias. Em função da institucionalização da Geografia brasileira ter ocorrido no século XX, ocorreu que, mesmo em obras ditas críticas, ainda era possível encontrar traços da Geografia tradicional, como descreve Dutra (2010, p. 23)

Na evolução dos livros didáticos brasileiros, encontravam-se e ainda se encontram, citações que explicam o subdesenvolvimento e o atraso econômico brasileiros às questões de tropicalidade, sendo que muitos desses livros se apresentam como uma Geografia crítica e moderna.

Com o passar dos anos, o Livro Didático começa a fazer parte da realidade das escolas públicas através da distribuição desse material por parte do Governo Federal. Em função do contexto histórico, as produções em relação à Geografia Escolar consideravam segundo Quintão e Albuquerque (2003) como reprodutora de conhecimento, sendo livros enciclopédicos recheados de informações sem inserir a vivência do aluno. O discurso patriota também estava presente nessa Geografia, onde se considerava importante a memorização e conhecimentos dos Estados da União, os recursos naturais disponíveis no país, a fim de despertar o sentimento nacionalista na população.

A Geografia escolar surge embasada no patriotismo e no nacionalismo. Para isso dar certo, achou-se necessário utilizar-se de uma visão descritiva no ensino da Geografia. A intenção era que por meio das características de um determinado país, dando-se muita ênfase aos aspectos naturais, exagerando-se nos aspectos positivos, pudesse formar pessoas com grande devoção ao seu próprio país (QUINTÃO; ALBUQUERQUE, 2003, p. 4).

Outra mudança ocorreu com a ordenação do currículo, criando a disciplina escolar Estudos Sociais, que integrou a disciplina de Geografia e História e outras da área de Ciências Humanas, fator que descaracterizou os conhecimentos específicos de cada, gerando um estudo superficial e disciplinador, estimulando o conhecimento do território e o sentimento nacionalista. Entretanto, no final do século XX, essas disciplinas voltaram a serem lecionadas separadamente.

Dessa forma, diante do cotidiano escolar, a Geografia enquanto disciplina acompanha de forma lenta as evoluções do período técnico-científico-informacional,

resultando numa realidade em que o docente passa a gerenciar suas aulas em torno do livro didático, tornando-se um recurso quase exclusivo, e gerando o desinteresse pela matéria, além de limitar as discussões dos conteúdos.

Essas problemáticas abrangem o ensino de Geografia atual, pois, em consonância com Castrogiovanni (2000), a escola não acompanha o mundo contemporâneo; no qual, ao longo do tempo, se tornou descritiva, necessitando de melhorias nos elementos que envolvem o processo de ensino aprendizagem.

As práticas tradicionais no ensino da Geografia proporcionaram que o ambiente escolar se tornasse cada vez mais desinteressante e sem sentido para os alunos, onde a pesquisa e o ensino se distanciaram, para Silva e Albuquerque (2012) isso promoveu uma fragmentação do conhecimento geográfico que é produzido nas Universidades do que é realizado no âmbito escolar, atentando para necessidade de desconstruir esses paradigmas para contribuir com a formação de discentes que possam aprender a Geografia para contribuir no convívio social.

2.3 A implantação do Livro Didático

O livro didático é um recurso presente no cotidiano das escolas brasileiras, exercendo grande influência no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e, por isso, se tornando alvo de reflexões, a respeito de como está sendo trabalhado no ensino de Geografia.

Em sua pesquisa, Albuquerque (2008) resgatou publicações de autores e livros didáticos de Geografia no século XIX afirma elencar livros a partir de 1836, no qual os autores eram da elite intelectual e política e as publicações estavam voltadas para cursos superiores e secundários, o ensino primário não recebeu muitas contribuições. Os livros eram destinados aos mestres e a classe dominante era a única que tinha acesso a escolarização.

Muitos livros desse período - século XIX - não apresentavam a bibliografia utilizada, além disso, o mercado brasileiro ainda adotava bastantes publicações estrangeiras, e elas não eram muito diferentes dos nacionais, pois possuíam semelhantes estruturas, tendo como divergência que os produzidos no país possuíam mais detalhes sobre as províncias, enquanto que os estrangeiros haviam informações mais generalizadas.

O processo de implantação do livro didático no Brasil no caráter legislativo inicia-se no século XX, Freitag (1987) afirma que a trajetória do livro didático dar-se a partir de 1930, através de uma sequência de decretos, tendo a criação de um órgão INL (Instituto Nacional do Livro) pertencente ao MEC, voltado para legitimar a implantação do livro didático e auxiliar a

sua produção no país. Posteriormente, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), com caráter político-ideológico, sendo responsável por examinar os livros, tendo controle sobre sua produção e circulação.

Albuquerque (2011) conta que, durante muito tempo, no Brasil o livro era um material acessado por apenas uma parcela de intelectuais, e aos poucos foi se socializando, mesmo assim até meados da década de 1980 as publicações possuíam ideais de classes dominantes e ideologias para efetivar o poder Estatal.

Na década de 1960, com a ditadura militar, houve um acordo entre o governo brasileiro e os EUA que objetivava propor medidas que colaborassem com o desenvolvimento da educação nacional através de implantação de bibliotecas, cursos para os docentes, distribuição gratuita de livros para os estudantes brasileiros, no período de três anos, além de orientar as editoras brasileiras em requisitos técnicos, assim foi criado a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), atribuindo controle americano sobre o mercado de livros no Brasil, fato que influenciou no conteúdo ideológico presente nos livros.

Em 1968, foi criada a FENAME (Fundação Nacional de Material Escolar), sendo reformulada em 1976 para ser responsável pelo programa do livro didático. Passado o período militar no país, na década de 1980 surgem as primeiras políticas governamentais voltadas para assistência de livro didático a estudantes de baixa renda, onde novamente criou-se mais um órgão (Fundação de Assistência ao Estudante – FAE), a fim de atender esse programa assistencial.

Mediante o Decreto 91.542 de 1º/08/85, decidiu-se a que a escolha do livro didático seria feita pelos próprios docentes e foi estabelecida a ideia do livro durável, onde os livros didáticos das escolas públicas não poderiam conter cadernos com espaços para respostas, pois o estudante ao final do ano devolveria o livro para a escola e o mesmo poderia ser reutilizar no ano seguinte.

Com o passar dos anos o livro foi recebendo outros tipos de linguagem, além dos textos, as imagens, tabelas, mapas e gráficos começaram a ser inserida nas publicações, tornando-o mais colorido e atrativo, para Tonini (2011) essa nova estrutura não prende o leitor a uma leitura linear e permite que ela percorra o caminho desejado durante a leitura.

O diálogo trazido nos livros começou a aproximar da produção acadêmica. Na década de 1990 as publicações adotadas nas escolas se direcionam para orientação baseada nos Parâmetros curriculares Nacionais – PCNs.

O livro didático tornou-se um recurso assegurado pelo Programa Nacional do Livro Didático, o qual permite a disponibilidade desse recurso em todas as escolas públicas do país,

sendo oferecido para o ensino fundamental e médio, mostrando, assim, que se encontra bem dissolvido no contexto atual do cotidiano desses alunos.

Além disso, no processo de escolha desse recurso há disponível o Guia de Livros Didático, onde o professor pode averiguar a avaliação e classificação feitas sobre os livros, onde são estabelecidos requisitos que atribuem notas, contribuindo assim para melhor conhecimento do livro didático e uma possível bem sucedida escolha.

2.4. A Utilização do Livro Didático de Geografia em Sala de Aula

Diante da realidade brasileira, que possui o livro didático, nota-se que com o passar dos anos sua disponibilidade aumentou, principalmente por incentivos governamentais que o disseminou para as escolas públicas e atualmente, a maioria, possui acesso para sua utilização. Tendo uma boa disponibilidade desse recurso em sala de aula, os livros didáticos passam a ganhar algumas peculiaridades, Kimura (2008) classifica que existem livros que abordam textos que focam teóricos mais destacados nas discussões no mundo acadêmico, outros tendem a ser discursivos, com uma linguagem mais coloquial, contemporâneos com as novas tecnologias, há também aqueles que são como um manual, pois além dos conteúdos da Geografia, contém sugestões de atividades, recursos e estratégias didáticas, que agradam a maioria dos docentes, mas muitos profissionais passam a seguir fielmente essas sugestões.

Os livros tornam-se praticamente autônomos, fator que empobrece a atuação do professor, pois é possível perceber que quando utilizados acabam substituindo o papel docente. Logo, esse posicionamento docente torna as aulas batentes tradicionais, uma vez que condiciona a um trabalho onde o professor atua numa postura de apenas divulgar para a turma aquilo que consta no livro, gerando a cultura de que para aprender os conteúdos é necessário memorizá-los, ofuscando assim, a atuação dos alunos na construção de seus próprios conceitos e fazendo com que Geografia seja rotulada pelos discentes como uma disciplina desinteressante que requer decorar seus conteúdos. A respeito disso, Yves Lacoste afirma:

Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, "em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória..." De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo - clima - vegetação - população - agricultura - cidades - indústrias. (LACOSTE, 2010, p. 21).

Neste sentido, é importante salientar que não é o livro didático o grande responsável dos problemas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem escolar, mas sim a forma

com que, em sua maioria, os profissionais docentes o utilizam, obviamente que alguns livros podem constar equívocos, mas, ao passar dos anos, o Programa de Avaliação de Livros Didáticos aprimorou-se neste sentido, sendo rigoroso no processo de avaliação e impondo para que as editoras se preocupem com a qualidade do que está sendo posto no mercado de livros didáticos. Conforme relato:

Verifica-se que as melhores coleções mostram grandes preocupações ligadas aos aspectos sociais, econômicos, políticos e histórico e com questões particularmente debatidas na atualidade pelos geógrafos, como a espacialidade historicidade e interdisciplinaridade. São coleções inovadoras quanto à organização dos conteúdos e articulação sociedade/natureza. A maioria é muito inovadora quando se trata de metodologias de ensino/aprendizagem ou de organização do Manual do professor, enquanto outras são bastante conservadoras nesse sentido. (PELUSO, 2006, p. 136)

Outro fator em questão que envolve a escolha e avaliação dos livros didáticos no Brasil, conforme Sposito (2006) dar-se com a importância da avaliação para qualificar esse recurso que será adotado pelas escolas, no qual os parâmetros nacionais que norteiam essa escolha procedem de outros indicadores internacionais, distanciando-se das necessidades locais e das particularidades dos lugares.

Logicamente, o período vivenciado possui uma sociedade mais internacionalizada, sendo impossível não sofrer influências, mas a realidade do público alvo que vai receber esse material precisa ser levada em consideração. Atualmente esse recurso não está disponível apenas em sua forma impressa, é possível acessá-lo através de instrumentos tecnológicos, como explica Tonini (2011, p. 152):

Esse acontecimento não pode ser deslocado na interioridade da cultura midiática vivenciada pela sociedade contemporânea, em que as emergentes mídias digitais estão influenciando na transformação do hábito de leitura em todos os locais do mundo. O texto não é mais lido apenas no papel. Ele está também onipresente em uma miríade de suportes suspenso e em uma diversidade de aparelhos tecnológicos, móveis e de comunicação. Isso faz com que, para a compreensão do mundo, hoje, exijam-se nas formas de aprender, nas maneiras de ensinar.

Diante disso, o livro didático atual possui diferentes linguagens e os recursos visuais, que são familiares para a nova geração, estão cada vez mais presentes nas publicações, gerando novas formas de leituras, entretanto a inserção desses elementos ainda não substitui a estrutura impressa tradicional.

Outra questão levantada por Albuquerque (2011) é a respeito da função do livro didático, que frequentemente os professores confundem com o currículo, uma vez que muitos docentes acreditam que o currículo é apenas a junção de conteúdos para orientar o trabalho docente na sala de aula, sem atentar para as ideologias, os métodos e a finalidade das seleções de temáticas. Quando utiliza apenas o livro para a escolha de conteúdos e práticas, acaba por

torna-lo um currículo de fato, e dependendo dessa seleção, as aulas ficam desconexas da realidade dos alunos.

Verifica-se que a questão do Livro Didático de Geografia no Brasil precisa de muitas reflexões, pois é um recurso que possui forte investimento do Estado. Além disso, muitas vezes, para os alunos é a única fonte de acesso a livros que possuem em casa, e instrumento de guia para o trabalho docente, evidenciando a necessidade de pensar nesse recurso envolvendo a escala local e aqueles que irão usufruir - estudantes e professores. É importante conhecer a ótica dos profissionais da educação e de seus alunos, averiguar que experiências vivenciaram no período escolar, qual a opinião e como se apropriam desse recurso.

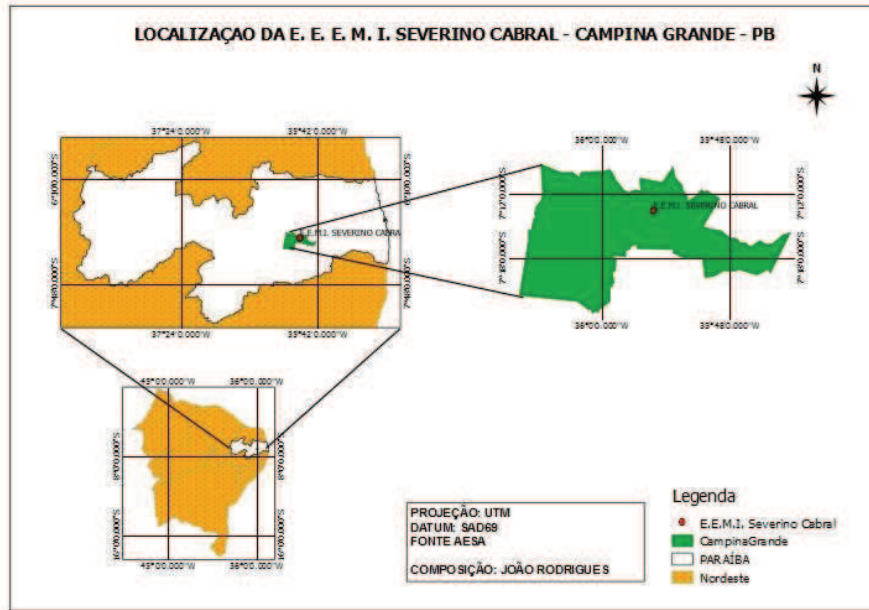
Muitos trabalhos analisam as práticas em sala de aula com o livro, os conteúdos abordados, sua história, ideais, dentre diversas outras temáticas, que contribuem nas discussões, e analisar a concepção de alunos e professores sobre esse instrumento pedagógico contribui para somar nesses estudos, na perspectiva de visualizar melhorias que estabeleçam avanços com o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

3. METODOLOGIA

3.1 Contextualização da pesquisa

Compreender o universo que abrange a utilização do livro didático de Geografia em sala de aula consiste em visualizar o cenário atual da educação e de como esse recurso vem sendo considerado pelos docentes e seus discentes. Logo, essa pesquisa, de natureza pesquisa-ação, representa a investigação, execução e experiência de um trabalho realizado durante a atuação enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, PIBID/CAPES/UEPB, sendo desenvolvida com os alunos da escola E.E.E.M.I. Severino Cabral (Mapa 01), (Figura 02) e docentes de Geografia de mais duas escolas – E.E.E.F.M. Assis Chateaubriand (Mapa 02), (Figura 03) e E.E.E.F.M. José Hermínio Bezerra Cabral - São Sebastião (Mapa 03) (Figura 04), localizadas na cidade de Campina Grande, Paraíba (Figura 01).

Mapa 01 – Localização da E.E.E.M.I. Severino Cabral



Fonte: João Rodrigo, 2014

Mapa 02 – Localização da E.E.E.F.M. Assis Chateaubriand



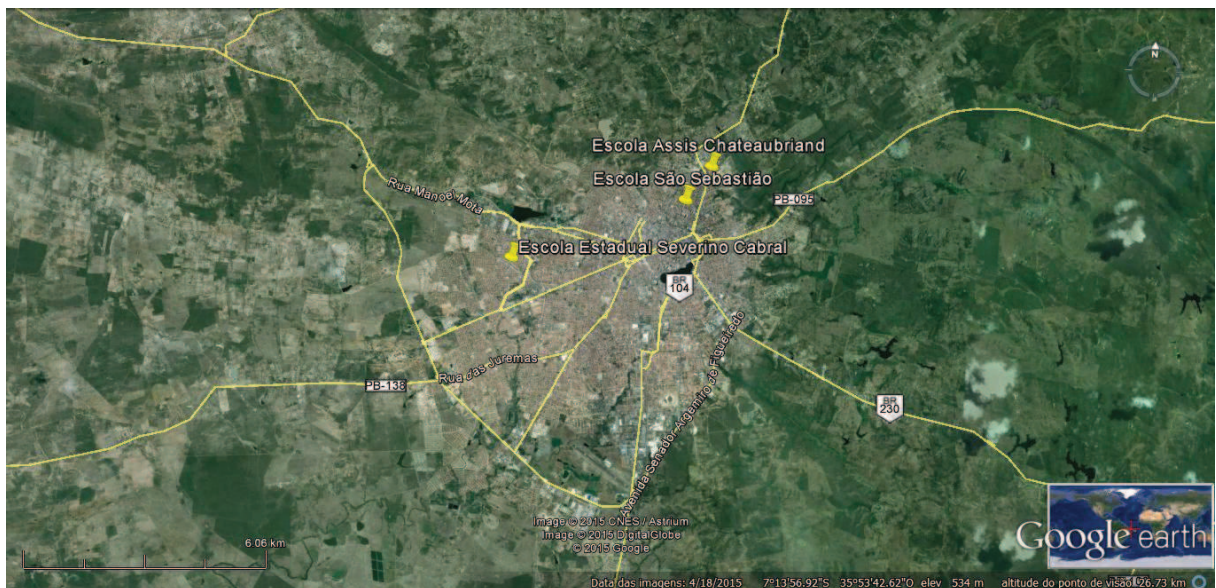
Fonte: Campina Grande, 2008

Mapa 03 - E.E.E.F.M. José Hermínio Bezerra Cabral - São Sebastião



Fonte: Campina Grande, 2008

Figura 01: Localização das Escolas no Município de Campina Grande no estado da Paraíba.



Fonte: Google Earth, 2015.

Figura 02 - E.E.E.M.I. Severino Cabral



Fonte: Google imagens, 2015.

Figura 03 - E.E.E.F.M. Assis Chateaubriand



Fonte: Google imagens, 2015.

Figura 04 - E.E.E.F.M. José Hermínio Bezerra Cabral - São Sebastião



Fonte: Google imagens, 2015.

O público alvo dessa pesquisa são turmas do 1º ano A e C do Ensino Médio Inovador do turno diurno (integral) da E.E.E.M.I. Severino Cabral, que está situada na zona oeste na cidade de Campina Grande (PB), no bairro de Bodocongó. São alunos que, em maior parte, estão dentro da faixa etária adequada para a série em curso e residem em bairros que estão nas proximidades da escola (Bodocongó, Malvinas e Ramadinha).

As turmas se caracterizam por serem, em sua maioria, participativas durante as aulas, uma vez que questionam durante a explicação e interagem quando é utilizada uma metodologia mais prática, que permite que os discentes sejam mais atuantes. Entretanto, a interação das mesmas também as torna dispersas facilmente, necessitando que o professor consiga estabelecer meios para mantê-los mais atentos durante a aula.

Através dos questionários com os discentes e docentes teve-se o intuito de verificar as experiências em relação à utilização do livro didático de Geografia, os questionamentos propuseram saber sobre as aulas de Geografia no cotidiano escolar e de que forma o livro didático esteve presente.

3.2 Métodos

Almejando identificar qual a concepção de alunos e professores a respeito do livro didático de Geografia, uma vez que são os principais que usufruem desse recurso, trabalhou-se a partir da compreensão desses indivíduos, pelas relações de afinidades construídas com esse instrumento pedagógico na disciplina de Geografia, contribuindo para obter uma ótima

das perspectivas com a experiência docente e discente fazendo uso, dessa forma, da Geografia humanística, uma vez que:

É interessante observar que a fenomenologia propõe uma aproximação e/ou uma relação entre o sujeito e o objeto no processo de conhecimento, conduzindo formas de conhecimento a partir da vivência baseada na subjetividade e na percepção dos fenômenos. (PEREIRA, CORREIA e OLIVEIRA, 2010, p. 177).

A percepção que cada pessoa possui através das vivências trazidas ao longo do tempo foi fator crucial para o desenvolvimento do trabalho, haja vista ser o livro didático utilizado durante toda a vida escolar, evidenciando, assim, a importância de analisá-lo valorizando as experiências humanas, abrindo espaço para ouvir o que professores e seus alunos pensam dentro da realidade que estão inseridos, e diante das problemáticas encontradas, enumerar ações que podem trazer benefícios para o ensino de Geografia na escola.

3.3 Técnicas

O contexto da realidade dos alunos da Escola Severino Cabral foi suporte para o desenvolvimento do trabalho. De início, buscou-se conhecer as turmas participantes, a fim de obter o perfil dos alunos, ouvir suas inquietações, sugestões, qual a ótica em relação a disciplina de Geografia e a respeito do livro. Os questionários também foram aplicados com professores, onde foi possível saber a opinião docente nesse contexto.

Ambos os questionários aplicados com alunos e professores continham cinco perguntas subjetivas, que permitiram que respondessem brevemente, expressando suas opiniões de como é o relacionamento desses indivíduos com o livro de Geografia.

No questionário aplicado com 28 alunos não solicitou identificação, as primeiras questões voltavam-se para saber a respeito de idade, gênero, local onde moram e disciplina favorita, na intenção de visualizar o contexto que esses discentes estão inseridos, e os questionamentos posteriores foram designados efetivamente ao livro didático.

Foram cinco profissionais docentes que se dispuseram a responder o questionário, que seguiu uma estrutura semelhante ao dos alunos, uma vez que também não exigiu identificação, apenas solicitando informar a escola onde atua. As demais perguntas visaram compreender as práticas docentes e como se relacionam com o livro didático de Geografia.

As respostas foram analisadas e apresentadas no presente trabalho através da seleção das mais frequentes, a fim de revelar a opinião que prevaleceu. Em alguns quesitos,

tiveram-se respostas que apresentavam um ponto de vista diferenciado que, de alguma forma, tornou-se relevante ser apresentado e contribuiu com a discussão da pesquisa.

Logo, se analisou cada item dos questionários e os resultados obtidos foram dialogados com outras pesquisas que abordaram temáticas semelhantes, comparando as semelhanças e divergências diante das respostas apresentadas pelo público investigado.

Posteriormente, a partir das ações do Subprojeto de Geografia no PIBID foram elaborados projetos didático-pedagógicos que objetivaram trabalhar a disciplina de Geografia de modo mais dinâmico, auxiliando para um melhor processo de ensino e aprendizagem. Assim, o livro didático da disciplina esteve presente nesses projetos como objeto de auxílio nas aulas, servindo para obter informação através da leitura e observação de imagens e mapas.

Atrelado ao livro didático, de acordo com as temáticas trabalhadas, apropriou-se de outros recursos metodológicos (vídeos, seminários, confecção de mapas, café geográfico entre outros), que também contribuíram para o trabalho docente e a qualidade das aulas de Geografia, uma vez que o Livro e os demais recursos utilizados não exerceram o papel exclusivo para o desenvolvimento das aulas e decisão das metodologias adotadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o intuito de analisar a ótica de professores e alunos sobre o livro didático de Geografia, por intermédio da aplicação de questionários, vem-se expor as opiniões e montar um cenário de como esse recurso vem sendo considerado e compreender como acontece sua utilização no ambiente escolar.

Diante das respostas dos questionários, foi possível verificar que a maioria dos estudantes, 82%, afirmou gostar das aulas com o auxílio do livro, como pode ser observado em algumas respostas abaixo, em função de reconhecerem que o mesmo possui o papel de auxiliar na compreensão dos conteúdos, servindo para retirar as dúvidas, sendo suporte de informações. Outros pontuaram que gostam do recurso, mas apenas em algumas ocasiões.

“Sim, porque trás informações precisas e vários recursos como exercícios”.

“Porque sem o livro o professor só ia fazer escrever e não teria tempo de explicar o assunto e deixaria a aula mais chata”.

“Porque mostra melhor as imagens geográficas”

Sequencialmente, foi questionada a importância desse instrumento didático nas aulas da disciplina de Geografia e 68% dos discentes reconheceu como suporte teórico para

aprendizagem, servindo de auxílio para o professor poder explicar o conteúdo, os demais (32%) não deixaram claro em suas respostas de que forma o livro didático é importante para as aulas de Geografia.

“Tirar dúvidas, nem sempre o professor sabe tudo, por isso utilizamos o livro para auxiliar”.

É importante, pois podemos ver imagens dos assuntos, podemos ler, acompanhar...

“Para a Leitura é ótimo, mas prefiro dinâmicas”.

Logo, as respostas dos alunos vão coincidir com os resultados apresentados por Pina (2009) que, em sua pesquisa, afirma que o livro didático é enxergado como uma fonte de conhecimento essencial para o processo de aprendizagem, uma vez que:

Estudando a história do livro didático, percebe-se que este recurso esteve presente em praticamente todo o processo de institucionalização do sistema educacional no Brasil, servindo de fonte de conhecimento tanto para professores quanto alunos e direcionando o que se devia ser estudado nas escolas e a metodologia utilizada para aplicação dos conteúdos. (PINA, 2009, p. 94).

Também no questionário, os discentes afirmam identificar relevância em ter aulas com o Livro Didático de Geografia, mas muitos possuem a cultura de não apropriar-se desse recurso para fazer leituras, pesquisas, preferindo sempre a internet. Coincidindo assim, esses resultados com a experiência de Bezerra; Silva; Silva (2010):

E o que foi observado nas escolas escolhidas para fonte de pesquisa do trabalho, é que em ambas, os alunos vêem o livro didático de geografia como um recurso fundamental para compreender melhor a disciplina, porém não tem o hábito de ler constantemente o livro, e muito menos de procurar interpretar os conteúdos nele contido, para entender melhor o espaço geográfico e vinculá-lo a sua realidade. (p. 5)

Por último, o questionamento foi em relação ao nível de confiabilidade dos alunos com relação ao livro didático e, na maioria das respostas, afirmaram confiar, justificando que se o professor utiliza é porque possui seriedade. Ademais, indicaram que é elaborado por escritores e editoras confiáveis e capacitados para publicar esse material. Os alunos que responderam não confiar relataram que já houve aulas que os próprios professores identificaram erros e equívocos de informações presentes nos textos do livro, conforme as seguintes respostas:

“Sim, porque foram elaborados por escritores responsáveis reconhecidos e publicados por editores confiáveis.”

“Sim, porque se não fosse confiável o professor não aprovaria”.

“Nem sempre, tem algumas coisas que contraria outras fontes de estudo.”

“Não, porque minha professora diz que vem com alguns erros que ela corrige nas explicações.”

Em relação aos docentes, foi possível aplicar cinco questionários com os professores de Geografia da rede estadual de ensino, distribuídos entre as escolas Severino Cabral, Assis Chateaubriand e José Hermínio Bezerra Cabral (São Sebastião), localizados na cidade de Campina Grande, Paraíba e integrantes do Subprojeto Geografia PIBID/CAPES/UEPB.

O primeiro quesito iniciava solicitando uma descrição de como eram as aulas de Geografia enquanto tais profissionais eram estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Em todas as respostas, pode-se notar a afirmação de aulas tradicionais, expositivas, tendo a avaliação sempre no formato de provas e testes. A utilização do livro não foi muito citada, uma vez que sua disponibilidade era inferior a dos dias atuais. A respeito disso, pode-se observar nos seguintes trechos:

“As aulas de Geografia eram pautadas no modelo expositivo e raramente utilizavam o livro didático.”

“Com aulas expositivas e atividades escritas (provas)”

“As aulas de Geografia eram cansativas, pois os professores reproduziam fielmente o que estava no livro didático, todas as avaliações eram feitas por meio de provas, os alunos tinham que decorar ponto e vírgulas das Xerox que tirávamos. Eram, dessa forma, aulas extremamente tediosas.”

Essas experiências mencionadas pelos professores estão em consonância com os depoimentos de outros professores, citados por Vieira (2013), que relatam a forma do ensino tradicional em sua época de estudante:

E não tinha livro didático de Matemática, só de Português. A gente não ganhava livros como os meninos ganham hoje, vários livros, era tudo comprado! Eles vendiam os livros na escola; então era caro e a gente tinha o maior cuidado. (VIEIRA, 2013, p. 112)

Em relação ao ensino, a escola e a professora seguiam o mesmo ritmo da formação de família que tínhamos em casa, que não era de questionar, nem ficar perguntando. Tínhamos uma educação muito rígida, e o que era falado pelos pais, agente apenas obedecia. Na escola, também, fazíamos o que o professor falava, ou melhor, mandava, sem questionar, nem perguntar; era aquilo, pronto e acabou! Não existia essa busca pela curiosidade do aluno, porque a gente apenas aceitava o que era ensinado. (IBIDEM, 2013, p. 131)

Observa-se que, com o passar dos anos, o livro didático tornou-se um recurso cada vez mais presente e mais acessível no cotidiano escolar. Uma vez que, por parte do Governo,

foram realizados investimentos que introduziram esse recurso em sala de aula, Martins (2015) conta que desde 1930 o Brasil começa a criar programas submetidos pelo MEC como o Instituto Nacional do Livro (INL), que se responsabilizavam pela distribuição, na época a própria educação básica não era acessível para a maior parte da população, entretanto é o princípio da difusão do livro nas escolas.

Com o passar dos anos, o Plano Nacional do Livro Didático, o Guia do Livro Didático foram criados com o intuito de avaliar e orientar a escolha dos livros que são distribuídos nas redes públicas de educação básica, reforçando o acesso a esse material e sua importância de utilização, pois grandes investimentos são feitos nem sua compra.

Essas mudanças contextualizam o terceiro período, iniciado na segunda metade dos anos de 1990, com a elaboração e publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Os livros didáticos passaram a ser elaborados e avaliados, considerando essas novas bases curriculares e os critérios estabelecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático– PNLD instituído pelo Ministério da Educação. (AZAMBUJA, 2014, p. 3)

Foi questionado aos docentes de que forma verificam a importância desse instrumento nas aulas de Geografia, tendo como resultado que 60% considerou como um recurso de extrema importância, em função da variada funcionalidade, que possui como material de apoio, leitura e pesquisa para alunos e professores.

Outros reconhecem um livro apenas como um orientador e parâmetro para organização dos conteúdos e enfatizaram que, em alguns casos, é o único recurso disponível na escola, havendo uma dificuldade para tentar inovar, entretanto todos tentaram enfatizar em suas respostas que o livro didático não pode ser o único recurso utilizado na sala de aula, devendo sempre estar atrelado com outros materiais e metodologias, como pode ser observado nas seguintes respostas:

“É uma ferramenta indispensável. Por muitos anos esse recurso foi negado aos estudantes, hoje seu uso é crucial para aprofundar por meio da compreensão e interpretação das leituras de textos verbais e não verbais, como: imagens, mapas e outros o conhecimento educacional e geográfico dos alunos”.

“O Livro possui grande importância, no entanto, é apenas um dos recursos que o professor pode utilizar em suas aulas.”

“Para o professor o livro didático funciona como orientador para alunos na leitura e pesquisa dos conteúdos”.

“O livro didático funciona como um parâmetro de organização dos conteúdos e para muitas escolas funciona como único apoio que o professor possui”.

Através dessas respostas, verifica-se o discurso presente na cultura escolar sobre a importância do livro como objeto de apoio para docentes e discentes, uma vez que ambos

ênfâtizaram no questionário essa opinião. Para os professores, o livro é o norteador das aulas, uma vez que é o parâmetro para a organização dos conteúdos, suporte de textos, mapas, imagens, atividades entre outras possibilidades de utilização que o tornam indispensável. Sobre essa importância, Ferracini e Hollman (2014) afirmam:

O livro escolar possui forte peso na cultura escolar, com uma autoridade inquestionável e irrefutável, para alunos, professores e pais. Os denominamos como “senhores do conhecimento” como uma provocação, já que em muitos casos o compêndio escolar é o segundo livro mais importante nos lares, atrás da Bíblia Sagrada. Não somente no Brasil, o livro escolar possui forte peso na cultura escolar, com uma autoridade inquestionável e irrefutável, para alunos, professores e pais. (IBIDEM, p. 03)

Após questionar sobre a importância do livro, foi perguntado a respeito da frequência de utilização desse recurso em sala de aula. Diante das respostas, notou-se que seu uso varia de acordo com diversas circunstâncias, ou seja, o comportamento da turma, série, disponibilidade de outros recursos, currículo, calendário escolar, dentre outros motivos que influenciam no planejamento das aulas e na decisão de utilizar ou não o livro na disciplina de Geografia.

Neste sentido, os docentes relataram que se apropriam dos livros, principalmente para leitura de textos, mapas, imagens e realização de pesquisa, além disso, afirmaram que, muitas vezes, é o único recurso disponível, não restando outra opção para diversificar as aulas.

“Utilizo o livro com certa frequência, principalmente para despertar a leitura e a observação de aspectos importantes. Além da falta de outros recursos na escola pública.”

“Com 90% de frequência, tendo em vista a fragilidades de outros recursos.”

“Não é possível quantificar essa pergunta, pois depende do conteúdo e do ano/série, tendo em vista que o currículo de cada ano escolar muitas vezes ocorre de maneira fragmentada nos livros didáticos, o currículo possui serias interrupções e afirmar verdades perigosas, além de uma sequência didática das matérias (conteúdos) impossíveis de serem trabalhadas.”

Diante dessas respostas, é perceptível que os professores apresentaram a utilização do livro como um material de apoio, coincidindo com o que os alunos haviam afirmado em seu questionário, onde também viam esse recurso para auxiliar os estudos.

Embora haja respostas semelhantes, o livro atua com importância diferenciada entre docentes e discentes, uma vez que o professor detém de meios para decidir quando e como utilizá-lo. Dessa forma, a importância do livro no ambiente escolar vai depender de como esse profissional o rege, e esse posicionamento vai se refletir no valor atribuído pelo aluno a esse

recurso. Vieira (2013), em sua tese, mostra o relato de um professor da educação básica sobre essa temática:

“Nós, professores, usamos tanto os livros didáticos pra tirar ideias, que a gente anda com o livro debaixo do braço! O livro dá um norte para o professor, ou seja, o livro norteia o que é adequado pra cada etapa” (p.90)

[...] “O trabalho com o livro depende muito do que o professor faz com ele, o cuidado que tem com o livro, pois a importância que lhe é atribuída em sala será a mesma que o aluno atribuirá.” (p. 94)

O Livro como referência na sala de aula mostra-se muito importante para o desenvolvimento do trabalho docente, o aluno tira dúvidas com os professores, buscar fontes em outros recursos e quando necessário utiliza o livro, mas o professor em meio ao seu trabalho sempre necessita de um auxílio bibliográfico, que contribua durante as aulas, no diálogo com a turma, estabelecendo uma relação de segurança, uma vez que se torna um material de apoio.

Seguindo o questionário, solicitou-se que os docentes apresentassem quais os critérios consideravam relevantes na escolha do livro de Geografia, onde foi possível verificar que prevaleceram os itens referentes à linguagem, a aproximação do conteúdo com a realidade da turma, a estética (imagens e mapas) e adequação ao currículo, como pode ser observado nas respostas:

“Aprecio livros que retratam aspectos mais próximos da realidade do aluno, dando enfoque para a criticidade e reflexão dos assuntos.”

“Assim um dos critérios foram as linguagens e informações sobre o Nordeste, a presença de mapas, além de seguir os conteúdos de um currículo coerente para cada ano, possuir imagens, figuras e texto sejam explicativos, textos esses nem volumosos de mais e nem sucinto, com uma linguagem culta, utilizando as categorias Geográficas em seu contexto e que dialogue em sua escrita com o aluno, utilize termos novos mais que apresente o seu significado.”

Esse ponto revela que os docentes entrevistados atribuem importância à utilização dessa ferramenta pedagógica e possuem uma postura de preocupação com a qualidade do material a ser escolhido. Logo, essas respostas vão coincidir com a afirmação de Martins (2006), que enfatiza a necessidade do professor se preocupar com a qualidade do Livro Didático de Geografia:

Diante dessa realidade, a seleção do material didático utilizado em sala de aula deve ser uma preocupação central dos professores, que precisam ter clareza quanto ao papel da geografia no contexto histórico e social, considerando as questões metodológicas adequadas para o seu estudo. É de fundamental importância que o livro didático de geografia apresente conceitos, dados, mapas, gráficos, tabelas etc.,

com informações que sejam as mais fiéis possíveis à realidade, para que o seu estudo possa contribuir, efetivamente, para a construção do conhecimento e, assim, permitir uma visão clara do contexto analisado (MARTINS, 2006, p. 9)

Por fim, semelhante ao questionário aplicado com os alunos, questionou-se a respeito da confiabilidade dos livros didáticos de Geografia. Dentre as respostas, obteve-se unanimemente o reconhecimento de que já encontraram algum equívoco, relevando a necessidade do professor atentar para esses erros.

“Existem situações que livros não trazem informações e colocações fidedignas, é sempre bom o professor está aberto e atualizado, como também buscar fontes variadas para os assuntos abordados”.

“Em sua maioria sim, mas é necessário que se analise os conteúdos, pois muitos funcionam como mecanismo de alienação.”

Após visualizar o panorama de respostas que abarcam a utilização do Livro Didático nas aulas de Geografia, permitiu-se verificar que os alunos e docentes atribuem importância de seu emprego no ambiente escolar. Logo, enquanto atuação na sala de aula em turmas do PIBID levou-se em consideração esses dados e decidiu-se optar pela elaboração de projetos didáticos pedagógicos que objetivaram trabalhar a disciplina de modo mais dinâmico, auxiliando para um melhor processo de ensino e aprendizagem. Assim, o Livro Didático esteve presente nesses projetos como objeto de auxílio nas aulas, servindo para obter informação através da leitura e observação de imagens e mapas.

Atrelado ao livro, de acordo com as temáticas trabalhadas, apropriou-se de outros recursos metodológicos (vídeos, seminários, confecção de mapas, café geográfico, entre outros), que também contribuíram para o trabalho docente e a qualidade das aulas de Geografia, uma vez que o Livro e os demais recursos utilizados não exerceram o papel exclusivo de manuais para o desenvolvimento das aulas e para decisão das metodologias adotadas.

Neste sentido, iniciou-se a discussão da temática sobre a classificação do relevo brasileiro, com aula expositiva, fazendo a leitura do livro didático e discutindo o conteúdo com os alunos. Posteriormente, realizou-se um trabalho, em que foi dividido a turma em três grupos e cada um ficou com responsável por falar da classificação dos autores – Aroldo de Azevedo, Aziz Ab'Saber e Jurandi Rossi- os discentes começaram a atividade desenhando o mapa do Brasil. Para essa etapa, utilizaram como referência os mapas que tinham no próprio livro didático deles.

Após a confecção dos trabalhos, os alunos apresentaram (Figura 05) o que haviam realizado, e foi possível discutir aspectos do relevo presente no lugar onde os alunos vivem, fator que envolveu mais a turma e os tornou mais participativos. Conforme relatado por Passos; Nascimento e Reis (2011, p.4):

Nesse sentido cabe ressaltar a importância que vem ganhando a atuação do professor, principalmente no modo como vêm fazendo uso do livro didático, sendo que estes podem transformar essa visão ideológica que traz o livro didático em um adequado instrumento de trabalho, eficientemente capaz de ser aproveitado e adequado a um ensino mais autônomo.

Figura 05: Apresentação dos Cartazes



Fonte: Daniela Santana de Oliveira, 2014.

Após cada fechamento de bimestre, realizou-se uma dinâmica denominada Café Geográfico, no intuito de fazer uma revisão de tudo que foi trabalhado durante esse período. A atividade consistia em perguntas que envolviam o assunto trabalhado, onde os alunos respondiam com ajuda de outro colega, sendo possível esclarecer dúvidas que ainda restavam. Como resultado, as turmas se envolveram bastante com a aula e utilizaram o livro pra auxiliar a compreensão do assunto (figura 06), no final sempre era servido café e bolachas, para concretizar a proposta do Café Geográfico (Figura 07), como um momento de descontração.

Figura 06: Dinâmica do Café Geográfico



Fonte: Daniela Santana de Oliveira, 2014.

Figura 07: Café Geográfico



Fonte: Daniela Santana de Oliveira, 2014.

O Café Geográfico foi bem aceito pelas turmas e os próprios alunos ficavam ansiosos para a realização da dinâmica. A partir dessa atividade, percebeu-se que os alunos estudavam o conteúdo em casa para participarem e obterem bom desempenho, logo as aulas tiveram maior participação dos discentes e a revisão do conteúdo estudado foi realizada de modo mais prazeroso.

Por esse viés, as dinâmicas de aprendizagem, consideradas como um instrumento educacional facilitador da aprendizagem, aparecem como opção lúdica para dinamizar a relação ensino/aprendizagem. Através do seu uso, efetivamente pode-se aplicar a teoria a prática, uma Um olhar a partir da utilização de dinâmicas como ferramenta para o ensino da geografia escolar vez que esse instrumento serve como um feedback para que o professor possa fazer uma análise dos procedimentos metodológicos utilizados, além de despertar a criatividade e criticidade dos sujeitos

envolvidos, professor e aluno. Para os discentes há uma perspectiva de aprender os conteúdos de maneira mais prazerosa, que contribua para despertar sua atenção, criatividade e imaginação. (SILVA e SILVA 2012, p. 132)

No decorrer do ano letivo, outras aulas com propostas metodológicas diferenciadas foram realizadas. Como a utilização do Programa P3D projetado no Datashow (Figura 08), onde a turma pode observar como acontecem os movimentos de rotação e translação, além de toda dinâmica da Terra no sistema solar, possibilitando assim conhecer de forma mais prática e esclarecedora. Neste assunto estudado, a utilização de um recurso tecnológico foi proveitoso e enriquecedor, uma vez que mostra os movimentos da Terra vistos no espaço, atribuindo melhor assimilação do conteúdo.

A respeito da utilização de novas tecnologias no ensino de Geografia, Ricarte e Carvalho (2011) trazem essa discussão apontando a necessidade por parte dos docentes de se atualizar diante dessa sociedade globalizada que, de alguma forma, possui acesso as NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação), a fim de melhorar a qualidade do ensino de Geografia.

Em decorrência de tais fatos, os professores de geografia, como cientistas sociais e educadores que interagem de forma histórica e dialética nos acontecimentos do mundo globalizado, são convocados a pesquisar, interagir, questionar, criticar e finalmente criar perspectivas sobre a estrutura e o contexto da inclusão digital voltada ao uso das NTICs no ensino de Geografia, de modo que este ensino se modifique para atende ao paradigma social contemporâneo, através do suporte das ferramentas didático-tecnológicas, objetivando tornar a aula de Geografia mais dinâmica, interessante e interativa ao aluno (RICARTE; CARVALHO, 2011, p. 258).

Figura 08: Programa P3D



Fonte: Daniela Santana de Oliveira, 2014.

Almejando colocar em prática a utilização de gráficos e tabelas na disciplina de Geografia, através da análise de dados e transformá-los em informação, decidiu-se dividir as turmas em grupos, ocasião em que cada equipe ficou responsável por catalogar a média anual entre o período de 2009 a 2014 de um dos açudes do estado da Paraíba, elaborar gráficos e tabelas com essas informações e apresentá-los para a turma (figura 09).

A atividade levou os discentes a uma reflexão sobre a situação hídrica paraibana, fluindo muitas discussões e envolvendo múltiplas aprendizagens, uma vez que os alunos puderam aprender a ler e interpretar gráficos e tabelas, como também trabalhar com essa temática tão importante para toda a sociedade.

Figura 09: Apresentação dos gráficos e tabelas



Fonte: Daniela Santana de Oliveira, 2014.

Estudar o local é muito importante para atribuir sentido ao estudo da Geografia, uma vez que através de uma problemática ambiental vivenciada no lugar onde o aluno mora traz maiores reflexões e contribui para que ele participe das discussões, trazendo seus conhecimentos prévios, Pontuschka (1987) afirma que apenas o docente é capaz de trazer o conteúdo da disciplina para a vivência do aluno, nenhum livro sendo capaz de realizar essa função:

O ponto de partida de qualquer trabalho sério no ensino da Geografia está no espaço vivido pelo aluno, através de experiências diretas. Isto nenhum livro pode fazer, somente o professor no contato diário com o aluno é capaz de conhecer esse espaço e daí construir o seu trabalho. (IBIDEM, p. 124).

O estudo da situação hídrica do estado da Paraíba abre espaço para despertar nos educandos a necessidade de preservação ambiental e ideias de melhor gerenciamento desse

recurso revelando, assim, a importância que a Geografia pode trazer para abordagem de temáticas ambientais, uma vez que:

Nesse sentido, a geografia traz sua contribuição de forma direta como ciência, por meio do aprofundamento, comprometimento e responsabilidade assumida perante a temática ambiental. Uma vez que estabelece a compreensão das relações entre homem e natureza, e para a educação escolar mostra possibilidades inesgotáveis do seu entendimento com questões ambientais (CORDEIRO; AZEVEDO, 2013, p. 6).

As aulas proporcionaram inúmeras experiências sobre o cotidiano escolar, que contribuem para melhorar a qualidade do trabalho docente. Nota-se a atuação do professor, por ter seu papel de mediador do processo de aprendizagem, sendo o grande responsável por conduzir como será desenvolvido o trabalho em sala de aula, assim o livro didático é um instrumento que pode obter positivos resultados, desde que possa adequá-lo para a realidade do público alvo.

A experiência vivenciada apropriou-se desse recurso para auxiliar na introdução da explanação do conteúdo e posteriormente como fonte de pesquisa pelos alunos. Possibilitando despertar no alunado maior interesse pela disciplina e colaborando com as aulas de Geografia

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Livro Didático tornou-se um objeto que está enraizado na cultura escolar, pais, alunos e profissionais da educação atribuem relevância em sua utilização na sala de aula. Através das respostas não houve por parte dos docentes, depoimentos que descartassem a aplicação desse recurso em seu trabalho, todos revelaram que de alguma forma necessitam do suporte do Livro.

Nota-se que o ensino de Geografia ainda encontra-se bastante atrelado aos moldes tradicionais, e o livro didático é um recurso que se tornou o grande suporte para muitos professores, abrindo espaço para a necessidade em repassar como estão sendo desenvolvidas essas práticas no âmbito escolar.

Ademais, o alunado consegue compreender a importância em ter o livro nas aulas de Geografia para auxiliar o processo de aprendizagem, mas mediante a vivência no período técnico-científico-informacional esses indivíduos tem preferências por recursos mais tecnológicos e o cotidiano escolar, configurado num cenário constante de práticas metodológicas iguais, designa um desinteresse pela disciplina de Geografia.

A cada dia surgem novos recursos que chegam às salas de aulas e possibilitam diferentes formas de trabalhar, mesmo assim, nenhum desses recursos superou o livro, uma vez que sua disponibilidade é ainda, o mais presente, na realidade das escolas públicas. Sabe-se que a educação possui muitas problemáticas que prejudicam o desenvolvimento do trabalho docente e conseqüentemente da aprendizagem dos estudantes, entretanto o poder mediador que o professor possui ainda é um dos grandes potenciais que consegue contribuir para obtenção de positivos resultados.

Dessa forma, cabe a esse profissional distinguir qual será a melhor forma de aproveitamento do livro didático em suas aulas, para torna-se mais significativo na aprendizagem precisa relacionar os assuntos com a vivência do aluno. Os professores entrevistados se mostraram preocupados com a qualidade e utilização do livro nas aulas de Geografia, revelando que tentam trabalhar dentro das possibilidades de cada escola.

As experiências aqui relatadas conseguiram inserir esse instrumento nas aulas de Geografia, com o diferencial de não torna-lo protagonistas das aulas, mas sim como um recurso para auxiliar, buscando melhor aproveitá-lo dentro do contexto de cada temática trabalhada, adicionando com outras metodologias e recursos que contribuiu com o processo ensino-aprendizagem.

Diante disso, o Livro Didático abrange muitas reflexões, não há como negar sua importância enquanto instrumento de pesquisa e leitura, ainda há diversos desafios em relação a esse instrumento, necessitando focar na qualidade do ensino, no trabalho docente e no constante pensamento sobre as práticas pedagógicas que vem sendo desenvolvidas no cotidiano escolar em relação ao ensino de Geografia.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Autores e Livros Didáticos De Geografia Publicados no Nordeste Brasileiro – Século XIX. **Anais V Congresso Brasileiro de História da Educação**: Aracaju, Universidade Tiradentes, 2008.

_____. Livro Didático e Currículos de Geografia Pesquisas e Usos. In. **O Ensino de Geografia e Suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia Ciência da Sociedade**: Uma introdução à Análise do Pensamento Geográfico. 2ª edição. São Paulo: Atlas S.A, 1992.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **O Livro Didático e o Ensino de Geografia do Brasil**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 4, n. 8, p. 11-33, jul./dez., 2014.

BEZERRA, Jackson Leandro da Silva; SILVA, Rafael Fernandes da; SILVA, Renaly Fernandes da. O Livro Didático e o Ensino de Geografia. **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos**: Porto Alegre, 2010

BONETE, Wilian; FERNANDES, Dalvani; JUNIOR, João. **História E Geografia: Elementos Para Um Ensino Humanista**. *Historiæ*, Rio Grande, v. 4, n. 2: 39-58, 2013.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Aprecensão e Compreensão do Espaço Geográfico. In: **Ensino de geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CORDEIRO, Arthur Victor C.; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. O Desafio da Educação Ambiental Através do Olhar Geográfico Para a Escola. **Anais II Seminário de Geografia e Ensino da UFCG**: Campina Grande, 2013.

DUTRA, Marcus Vinicius Siqueira. **As identidades nacionais nos livros didáticos de Geografia de Ensino Médio**. 2010. 187 f.(Dissertação) Mestrado em Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2010.

FERRACINI, Rosemberg; HOLLMAN, Veronica. **Ora Compêndios, Ora Livros Escolares, Ora Livros Didáticos... Sempre Necessários Na Geografia Escolar**. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 4, n.8, p. 03-10, jul/dez., 2014.

FREITAG, Bárbara, MOTTA, Valéria Rodrigues, COSTA, Wanderly Ferreira. O histórico do livro didático no Brasil. In. **O Estado da Arte do livro didático no Brasil**. Brasília: INEP, 1987.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer A Guerra**. 17ª Edição. Campinas, SP: Papirus, 2010.

KANASHIRO, Cintia Shukusawa. **Livro Didático de Geografia: PNLD, materialidades e Uso na Sala de Aula**. 2008. 189 f.(Dissertação) Pós Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KIMURA, Shoko. **Geografia No Ensino Básico: Questões e Propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. **O Livro Didático no Ensino da Geografia**. Santa Maria: Portal do Fórum Sul, 2006. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2006/Curriculo_e_Saberes/Painel/07_32_4_2_PA252.pdf. Acesso em: 24 de fevereiro de 2015.

MORAES, Antônio Carlos Robert Moraes. **Geografia: Pequena História Crítica**. 6ª edição. São Paulo: Hucitec, 1983.

PASSOS, Gilliard dos Santos; NASCIMENTO, Samira de Jesus; REIS, Daniele dos Santos. O Ensino de Geografia e o Livro Didático como Instrumento no Processo Educacional. **Anais**

V Fórum Identidades e Alteridades e I Congresso Nacional Educação e Diversidade: Universidade Federal de Sergipe Itabaiana, 2011.

PELUSO, Marília Luíza. O Processo de Avaliação do Livro Didático de Geografia, Uma Aposta no Futuro in: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Livro Didático de História e Geografia: Avaliação e Pesquisa.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

PINA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. **A Relação Entre o Ensino e o Uso do Livro Didático de Geografia.** 2009. 104 f. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção. **CAMINHOS DE GEOGRAFIA,** Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 173 – 178, 2010.

PONTUSCHKA, N. N. Análise dos Planos de Ensino da Geografia. **Terra Livre,** Pinheiros – SP, V. 2, p. 115-128, Julho de 1987.

QUINTÃO, Altemar de Figueirêdo Bustorff, ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Desafios e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil.** XX Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia: Porto Alegre, 2009.

RICARTE, Daniel de Brito; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes de. “As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação na Perspectiva do ensino de Geografia”. In: _____. (Org.). **Tecnologias Digitais na Educação.** Campina Grande: EDUEPB, 2001, p. 257-272.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma Breve História da Formação do Professor de Geografia no Brasil. **Terra Livre,** São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

SILVA, Maria das Dôres Florencio de Araujo; ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. A Geografia Escolar e as Dificuldades em Romper com o Tradicionalismo na Prática Pedagógica. **Anais Seminário Regional Norte e Nordeste de Pós-Graduação Em Geografia:** João Pessoa, 2012.

SILVA, Maria do Socorro Ferreira da; SILVA, Edimilson Gomes da. Um Olhar A Partir da Utilização de Dinâmicas como Ferramenta para o Ensino da Geografia Escolar. . **CAMINHOS DE GEOGRAFIA,** Uberlândia, v.13, n. 44, p. 128–139, 2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Livros Didáticos de Geografia e História: Avaliação e Pesquisa.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, (p.15-25).

TONINI, Maria Ivaine. Livro Didático: Textualidades Em Rede? In. **O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

VIEIRA, Gláucia Marcondes. **Professores Dos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental E Livros Didáticos De Matemática.** 2013. 277 f. (Tese) Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTOS AS TURMAS PARTICIPANTES



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID – SUBPROJETO DE GEOGRAFIA QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AS TURMAS PARTICIPANTES

01. Responda algumas questões sobre você:

Sua idade:

Onde você mora:

A disciplina que mais se identifica na escola:

02. Você gosta das aulas de Geografia que utiliza o livro didático? Por quê?

03. Em sua opinião, qual a importância do livro didático para as aulas de Geografia?

04. Qual recurso você mais utiliza para estudar e fazer pesquisas dos trabalhos escolares?

05. Você considera o livro didático uma fonte confiável? Por quê?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTOS AOS PROFESSORES



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID – SUBPROJETO DE GEOGRAFIA QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

:

Escola:

01. Que lembranças possui de como eram as aulas de Geografia em seu tempo de estudante no Ensino Fundamental e Médio?

02. Em sua opinião, qual a importância do Livro Didático para as aulas de Geografia?

03. Com que frequência você utiliza o Livro Didático de Geografia em suas aulas?

04. Quais os critérios e Correntes Epistemológicas Geográficas que você considera para a escolha do Livro Didático?

05. Você considera o Livro Didático uma fonte confiável? Por quê?